

## **Processos Vinculativos: O tempo lento do homem *versus* o tempo veloz das máquinas<sup>1</sup>**

Cauê de Souza REBOUÇAS<sup>2</sup>  
José Eugenio de O. MENEZES<sup>3</sup>  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### **Resumo**

O trabalho analisa, a partir de autores como Flusser, Cyrulnik, Wolton, Romano, Scolari, Baitello e Menezes, a relação entre a crescente velocidade das mídias digitais e a lenta velocidade do corpo na comunicação interpessoal. A partir de pesquisa bibliográfica e observação do uso de aplicativos, como o *Whatsapp* e o *Snapchat*, examina a possível relação entre conexões técnicas e vínculos afetivos. No âmbito dessas relações, pelo viés de uma ecologia da comunicação, enfatiza a importância da comunicação presencial e observa indícios da presença de vínculos afetivos também quando estes são cultivados nos chamados ambientes interativos digitais.

**Palavras-chave:** Tempo; Vínculos; Comunicação; Ecologia da Comunicação; Mídias Digitais.

### **A comunicação por aparelhos digitais**

Os aparelhos celulares estão indissociavelmente ligados à vida dos brasileiros. O número de dispositivos ativos ultrapassou 270 milhões (UFABC, 2014), enquanto a população brasileira, no ano de 2015, chegou à marca de 200 milhões (IBGE, 2015). Portanto, há mais aparelhos celulares do que pessoas. Estes são dados expressivos, que denotam a necessidade cada vez maior dos brasileiros poderem se comunicar por meio de um aparelho móvel: a comunicação está se tornando mediatizada.

Ainda, cerca de 31% da população brasileira (TIC GOVERNO ELETRÔNICO, 2013), isto é, mais de 52,5 milhões de usuários acessam a internet por aparelhos móveis. Números que podem aumentar caso a industrialização brasileira e a renda média continuem crescendo nesse período de crise econômica. A tendência atual é que os aparelhos digitais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Jornalismo e pesquisador de Iniciação Científica do CIP – Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero. Integra o Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir, onde participa do projeto de pesquisa “Ecologia da Comunicação”. email: [caue.reboucas@gmail.com](mailto:caue.reboucas@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Docente da graduação e do PPGCOM em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir e participante do projeto de pesquisa Ecologia da Comunicação. email: [menezes.eugenio@gmail.com](mailto:menezes.eugenio@gmail.com).

medeiam crescentemente as relações humanas, ocupando um importante espaço da comunicação presencial.

Harry Pross em meados da década de 70 afirmou que “toda comunicação começa no corpo e nele termina” (1975) e isto ainda é válido para analisar os atuais processos comunicativos. Isso porque, mesmo que as mídias digitais estejam gradativamente sendo mais utilizadas, quem as manuseiam são homens e mulheres tentando se vincular. Cabe analisar, então, os possíveis impactos de se comunicar cada vez mais por meio destas máquinas.

A priori, usaremos o conceito de comunicação de Dominique Wolton em “Pensar a Comunicação” (2004) e “Informar não é comunicar” (2010) para aprofundarmos o assunto. O autor define que informação é mensagem e comunicar é um conjunto de relações, muita mais complexa do que aquela. Pois, é inerente aos seres humanos se comunicarem, principalmente, por quatro motivos: *compartilhar*; *trocar*; *seduzir*- não apenas no sentido erótico, mas como de tonar o interlocutor fascinado- e, por último, a *convicção*, ou seja, explicitar posicionamentos e ideias (WOLTON, 2010). A comunicação, por isso, é uma expressão humana de aproximação ao próximo, de busca ao estranho, de reconhecer o irreconhecível.

Além de Wolton, Slavoj Žižek também pensa na comunicação atrelada aos sentimentos. Em sua obra *O amor impiedoso* (ou: *Sobre a Crença*), o esloveno afirma que a comunicação plena apenas acontece no auge da alteridade, isto é, quando o amor está envolvido e permeando as relações (2012). Vale ressaltar que comunicar não está restrito à fala. Todo gesto, olhar, sorriso, até mesmo o silêncio, fazem parte desse processo, que cria um ambiente comunicativo.

Este ambiente permite aos presentes fisicamente entrarem em contato uns com os outros, tentarem criar laços afetivos: “o mais importante, na informação e na comunicação, não são as ferramentas nem os mercados, mas os homens, a sociedade e as culturas” (WOLTON, 2010, p.18). Ainda de acordo com essa teoria da comunicação, precisamos acentuar a importância da incomunicação.

O horizonte da comunicação é quase sempre a incomunicação; o que visível especialmente na ruptura entre informação e comunicação; a impossibilidade de reduzir a comunicação à performance técnica; a obrigação de negociar; e a convivência como horizonte... (WOLTON, 2010, p. 20).

O aspecto da incomunicação é vital, pois, para ocorrer a comunicação. Porque debater e negociar, possuir pontos de vistas e opiniões diferentes são imprescindíveis para

esta existir. Deve-se presumir, que, a princípio, os sujeitos inseridos em um ambiente comunicativo irão se estranhar, pois haverá divergências entre opiniões, gestos, odores, cheiros e vozes, e que isto é necessário para depois estes ponderem tentar entrar em consonância biológica, social e cultural (WOLTON, 2004).

### **Entre o nulodimensional e tridimensional**

A forma de comunicação mais completa, de acordo com o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (208) é a tridimensional, ou seja, a comunicação presencial, na qual o homem utiliza o conjunto de seus sentidos. Estudando o autor, a pesquisadora Helena Navarrete enfatiza:

Comunicação Tridimensional: permite ao homem a experiência nas três dimensões: altura, largura e profundidade. Neste tipo de comunicação, estando face a face, o homem pode utilizar todos os seus sentidos para se vincular com os outros e com os fenômenos (NAVARRETE, 2012, p.04).

É preciso ratificar a importância do homem se comunicar presencialmente para a formação e consolidação de laços afetivos. Visto que, o corpo humano é um criador de vínculos e sua simples presença é um catalisador comunicativo. Pois este cria um intenso incipiente interativo - uma ecologia da comunicação - na concepção de Vicente Romano<sup>4</sup>, em que o som reverbera a pele, criando uma sinestesia auditiva e sensorial; a visão denota sorrisos, vestimentas, gestos, posturas corporais e sinais auxiliares dos processos vinculativos (ROMANO, 2004). Isso explicita a importância do ouvido e da cultura do ouvir nos processos comunicativos:

O ouvido, além de captar sons, isto é, de perceber ondas de compressão e rarefação propagadas através do ar, também é responsável pelo sentido do equilíbrio. O ouvido também é de fundamental importância para o homem perceber a distância entre as coisas, delimitar o espaço, localizar-se nesse intervalo entre coisas e indivíduos (MENEZES, 2007, p. 34).

É importante, por isso, entender que aqueles processos não são exclusivos a um único sentido, visto que isto restringiria a capacidade comunicativa do corpo (WOLTON, 2010). Para Menezes (2015, p.3): “propor que um dos caminhos do estudo da comunicação passe pelo corpo e pelos sons que o envolvem implica a possibilidade de irmos além das

---

<sup>4</sup> “O comunicólogo espanhol Vicente Romano García (1935- 2014) problematiza as consequências ecológicas da colonização do tempo de vida dos seres humanos pela onipresença, durante as 24 horas do dia, dos aparatos eletrônicos de comunicação. Diagnostica que estamos diante de uma crise ecológica e propõe uma ecologia da comunicação com o objetivo de se adaptar as tecnologias da informação já disponíveis às condições e possibilidades da comunicação primária, do contato humano elementar e direto. Assim, questiona os efeitos do uso de equipamentos quando estes, na sua leitura, predominam sobre os contatos presenciais e propõe que as tecnologias, em particular as que privilegiam as telas, devam ser adaptadas às possibilidades do corpo humano e aos valores ecocomunicacionais” (MENEZES, 2015, p. 4 e 5).

metáforas funcionalistas e deterministas”. Entretanto, para ter acesso a esse tipo de comunicação, há a necessidade de que os comunicadores estejam em locais físicos próximos uns aos outros, portanto, exige espaços públicos e privados que permitam essas interações - além de requerer tempo para isto ocorrer. Pois a comunicação e a vinculação são processos lentos (MARCONDES, 2005).

Com a expansão das tecnologias digitais a limitação espacial foi sendo ultrapassada. Através da internet, algumas fronteiras físico-temporais foram rompidas, o que facilitou o fluxo informacional entre pessoas, mesmo que elas estivessem distantes fisicamente. Em um primeiro momento, portanto, as mídias digitais surgiram para facilitar o encontro presencial, como a criação de e-mails e chats (BAITELLO, 2012). Após estas se consolidarem e se alastrarem, as mesmas estão se tornando, propriamente, a finalidade comunicacional, deixando de ser apenas uma alternativa, para, talvez, conduzir os processos interativos (WOLTON, 2004). Nas palavras de Flusser: “Estariam se desintegrando [os fios condutores que ordenam o universo em processos] precisamente por termos nos agarrados a eles e por termos permitido a eles que nos guiem” (FLUSSER, 2008, p.27).

Dessa forma, a internet é um “ambiente” que auxilia o homem em suas lutas democráticas, mas não substitui as outras tecnologias, como os livros e, tão pouco, está livre de ambiguidades. Mesmo possuindo um charme baseado no tripé velocidade-liberdade-interatividade (WOLTON, 2010), ela possui suas limitações. Por isso, há um paradoxo: está disponível na rede um nível imenso de dados, sem hierarquia, todavia, concomitantemente, os usuários buscam interatividade. Nela, “há pessoas livres, mas sós” (WOLTON, 2010, p.39).

Dentro do contexto digital, uma das principais problemáticas, a redução dos lugares de conversação presencial, como as praças públicas, foi apontada por Vicente Romano quando abordou a noção de “Ecologia da Comunicação”. Em artigo comentando e problematizando a obra de Vicente Romano, o pesquisador José Eugenio Menezes lembra que:

Para o autor, a exagerada mediatização gera consequências ecológicas para a natureza dialógica do ser humano, favorecendo, entre outros fatores, a redução tanto dos lugares de conversação, como as praças, como a diminuição dos diversos espaços de encontros presenciais (MENEZES, 2013, p. 60).

Assim, em vez das mídias digitais estarem sendo usadas preponderantemente como mediadores de encontros físicos ou um paliativo enquanto os corpos estão distantes, elas estão gradativamente se transformando em um falso substituto daqueles. Falso, pois, essa

substituição pode causar significativas perdas para a formação social do homem (CYRULNIK, 2007).

A chamada perspectiva nulodimensional, a linguagem dos códigos binários, consolidou-se como um dos meios de comunicação mais importantes. Visto que, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia (PMB), encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM), em 2015, 66% dos brasileiros utilizam a internet através dos smartphones. Além disso, a pesquisa mostra que 49% dos brasileiros utilizam a internet 4h59 nos dias úteis e 4h24 nos finais de semana.

Levando em conta que o homem deveria dormir cerca de 8 horas diárias, das 16 horas restantes, mais de um quarto é utilizado na operação de aparatos digitais, na dimensão nula dos códigos binários, que nas palavras de Flusser: “são o quarto gesto abstraído (abstrai o comprimento da linha) graças ao qual o homem transforma a si próprio em jogador que calcula e computa o concebido” (FLUSSER, 2008, p. 19).

Essas mídias permitem a interação entre diferentes plataformas e práticas midiáticas, um processo de convergência (JENKINS, 2008), chegando ao ponto, de que, os passos de volta para o concreto estão cada vez mais áduos, como disse Flusser: “[...] A história da cultura não é série de progressos, mas dança em torno do concreto. No decorrer de tal dança tornou-se sempre mais difícil, paradoxalmente, o retorno para o concreto” (FLUSSER, 2008, p. 20).

O uso intensivo do digital, criador de um massivo hipertexto (SCOLARI, 2008), torna o homem dependente das máquinas digitais, ligados a elas a todo o momento, fenômeno que ocorre desde o surgimento destas e que se potencializa de acordo com novas tecnologias desenvolvidas: o homem cada vez mais é um manipulador dos aparelhos digitais, um “funcionário” (FLUSSER, 1985).

Flusser anteviu isso da seguinte forma “As teclas não serão mais sincronizadas, mas ligadas entre si com elos reversíveis. Graças a tais elos (por exemplo, cabos) toda tecla será, em futuro não ao muito distante, ligada a todas as teclas. Poderá receber de todas as teclas e emitir rumo a todas as teclas” (FLUSSER, 2008, p.48).

Isto denota que o uso demasiado das teclas, sua conseqüente abstração e a preocupação de que o homem ficasse dependente das mesmas, data décadas. Trata-se de um fato que Flusser previu antes da disseminação de tais mídias ou da propagação da internet: “A relação *homem-aparelho* se inverteu, e os homens funcionam agora em função dos aparelhos: tornaram-se funcionários que reprogramam os aparelhos” (FLUSSER, 2008,

p.105). Estes aparelhos realizam um processo que Carlos Scolari (2008) denomina “hipermediação”, isto é, “um processo de intercâmbio, produção e consumos simbólicos que se desenvolvem em um entorno caracterizado por uma grande quantidade de sujeitos, mídias e línguas, tecnologicamente interligadas entre si” (SCOLARI, 2008, p. 113).

Assim, gradativamente, os encontros tridimensionais estão se tornando minoritários em detrimento das mensagens e áudios compartilhados digitalmente, fato este que diminui a forte vinculação proporcionada por aqueles. No entanto, o digital também é necessário e uma “dimensão” não necessita sobrepor a outra, necessariamente. Este talvez seja um dos principais desafios da comunicação prevista por Flusser décadas atrás: a utilização, conforme a necessidade das diferentes formas ou “dimensões” comunicativas:

Ao descrever a passagem da comunicação tridimensional para a comunicação nulodimensional, o autor [Flusser] não diz que estamos diante do fim dos processos de comunicação. Ao contrário, mostrando que não há mais caminho além da abstração total, nos desafia a conviver com o movimento entre o nulodimensional e o tridimensional. Essa tensão faz com que bem utilizemos as vantagens da comunicação nulodimensional dos meios digitais, aproveitemos o universo unidimensional da escrita, bem ou mal convivamos com a bidimensionalidade das imagens e resgatemos a importância da comunicação corpo a corpo marcada pela tridimensionalidade. Há um espaço de ida e volta, um espaço de tensão entre os diversos tipos de “uso” do espaço que se reduz ou se amplia na medida em que transitamos entre o nulodimensional e o tridimensional (MENEZES, 2009, p.175,176).

Mas há inúmeros entraves para essa transição ser alcançada. Entre eles, é como o tempo (a velocidade) difere entre as dimensões estudadas por Flusser (1985). Enquanto a dimensão nulo-espacial, dos códigos, é rápida, quase imediata, a tridimensional, característica do encontro presencial, é lenta, vagarosa, demanda mais disposição, investimento emocional e financeiro.

Desta forma, o instantâneo das mensagens por aparatos digitais não ocorre como em uma conversa presencial - o tempo reacional de ambos difere. Flusser (2008) se refere a esse processo de ida do tridimensional ao nulodimensional como “escalada da abstração”, em que, ao passar da comunicação presencial à escrita, imagem e códigos nulodimensionais, vamos subtraindo sentidos e percepções. Nas palavras de Baitello, “A cada degrau ocorre uma redução, uma perda espacial, a cada passo reduz-se uma das dimensões” (2005, p.4).

Portanto, ao criar equipamentos de comunicação, o homem foi do tridimensional ao nulodimensional, abstraindo parte deste. A bidimensionalidade (imagens), a unidimensionalidade (escrita) e a nulodimensionalidade (códigos binários) são subtrações

da comunicação presencial/tridimensional (FLUSSER, 2008). Se a cada abstração, se perdem aspectos sensoriais, a dificuldade, portanto, é transitar por estas, utilizando todos os sentidos sem sobrepor um ao outro. Privilegiar apenas a visão ou audição, por exemplo, não restringe unicamente a capacidade de se comunicar do homem, como a de interagir com o ambiente que o circunda.

Outro aspecto que perpassa a questão do tempo, especificamente, na transição do nulo para o tridimensional e vice-versa, é a vinculação. A comunicação, que cria ambientes comunicativos e visa a interação, também cria vínculos entre os homens. É importante, por isso, entender como estes são criados e consolidados, assim como sua importância para o homem. Entre o tempo lento dos homens e o tempo veloz das mídias digitais existem diferentes tipos e graus de laços afetivos (CYRULNIK, 2007).

### **O tempo do digital *versus* o tempo do homem**

Não é recente a preocupação do homem com o tempo. Desde as primeiras pinturas rupestres existem representações do sol e a lua, isto é, de marcadores temporais que ditaram a rotina e a cultura de diversas civilizações (GOMBRICH, 2010).

No início da chamada civilização, o homem se guiava pelos ciclos lunares e apenas mais tarde passou a seguir o tempo abstrato dos relógios (MARCONDES, 2005). Com a consolidação dos aparatos digitais, hoje, é guiado quase estritamente pelo tempo veloz das mídias digitais, pelos processos hipermidiáticos – em que todos as usam e são utilizados por elas (SCOLARI, 2008). Se hoje uma das grandes preocupações é a sensação de falta de tempo decorrente deste processo, esta não é uma indagação recente. Sêneca, filósofo romano, descreveu a preocupação e a relação do homem com o tempo da seguinte forma:

Chega então o momento em que não se duvida daquele veredicto que, à guisa de oráculo, disse: “ Pequena é a parte da vida que vivemos.” Pois todo o restante não é vida, mas tempo.” De fato, todo o espaço restante é mero tempo e não vida (SENECA, s/d, II-2).

Atualmente, o homem possui acesso a uma quantidade infinita de recursos, de hipertextos (SCOLARI, 2008), dificultando ainda mais a tarefa dele se relacionar com o tempo, pois é afligido por nuvens de dados a todo instante (BAITELLO, 2012). No momento em que o ser humano passa a integrar seus relacionamentos, também no meio da velocidade, os processos vinculativos podem sofrer algumas alterações. Para entender isso, primeiro é preciso pensar mais sobre os vínculos, como eles são criados e mantidos pelos seres humanos.



Os indivíduos de nossa espécie nascem e crescem no contexto dos vínculos, como explicaremos a seguir. Para o nascimento de um ser humano, é necessário que um homem e uma mulher tenham uma relação consensual<sup>5</sup> entre si, ou seja, que se encontrem. E os encontros não são por acaso: os cruzamentos sim, os encontros não. A diferença é que depois que aquele ocorre, para este se fortalecer, é preciso de iniciativa das duas partes. Portanto, sem uma predisposição cultural, social e biológica de ambos, isso não ocorreria.

O novo indivíduo, antes mesmo de seu nascimento, passará a interagir e criar laços afetivos com todos que o circundam, sendo com a mãe, o primeiro destes. Estes vínculos começam a ser criados e nutridos a partir de quando o feto começa a desenvolver seus sentidos e a criar um ambiente interacional dentro do útero. Por exemplo, quando o bebê se movimenta no interior da mãe - sentindo a rugosidade do útero-, ou nota alterações e perturbações sentimentais dela por causa das variações no líquido amniótico, assim como contrações intrauterinas, eles estão criando laços entre si (CYRULNIK, 2007).

Um recém-nascido organiza suas relações com o outro a partir dos acontecimentos cotidianos de sua vida familiar. Desde os primeiros gestos em torno do nascimento, a cultura irá impor um código comportamental, que aliado com o biológico, irá moldar a pessoa, que passará toda sua vida criando, rompendo, transformando vínculos e tudo isso através da comunicação (CYRULNIK, 2007).

Boris Cyrulnik frisa a importância de ocorrerem encontros presenciais, para assim haverem laços afetivos que irão desenvolver toda a sensorialidade do homem. “A conversa encena o roteiro comportamental que, em seguida, possibilita a sincronização das emoções” (CYRULNIK, 2007, p.37).

Assim, o tempo das mídias digitais, o contexto da hipermediação, pode afetar os processos vinculativos. Isso devido ao fato de que as pessoas necessitam de um ambiente comunicativo, de conversas, de suor, gestos e palavras para se unirem uma as outras. Caso a prioridade seja cada vez mais as mídias digitais, a mediação dos relacionamentos, o contato tridimensional será cada vez menos priorizado. Como afirmou Wolton: “A lentidão é o tempo dos homens. A velocidade, o tempo das tecnologias” (2010, p. 55) e o fato do homem almejar acompanhar a velocidade da tecnologia pode resultar em um enfraquecimento vinculativo e suas possíveis consequências, que serão tratadas no decorrer do artigo.

---

<sup>5</sup> Desconsiderando técnicas *in vitro* ou outras científicas de inseminação artificial, assim como violências sexuais.



Não é apenas no sentido dos encontros da vinculação íntima que é necessário tempo; para Cyrulnik a filiação é tão importante quanto. Esta, para o autor, é o sentimento de pertencimento a algo, que existe apenas na representação psíquica imersa no contexto cultural (2007). Isto é, o homem precisa pertencer a sua comunidade, estado, país, pois este é um dos inibidores de possíveis manifestações violentas e convivências destrutivas. Então, a partir dos laços afetivos é possível emergir um consenso ou uma “vontade comunitária” (PAIVA, 1998). Ainda para a autora (1998), essa vontade irá permitir que os membros de uma comunidade, apesar das diferenças entre si, vivam buscando o equilíbrio e a harmonia.

E, novamente, o tempo é necessário para estes vínculos e filiações serem construídos. De acordo com Wolton, “a confiança mútua quer tempo, [...] não há convivência sem confiança, tolerância e tempo” (2010, p. 65). Portanto, aceitar a ideologia tecnicista, acreditar que o progresso tecnológico acompanha o da comunicação é uma utopia-ideologia que se alastra e não possui nenhum fundamento teórico (WOLTON, 2004).

Para haver relacionamentos, é preciso de tempo. No entanto, a forma a qual a sociedade se organizou, privilegia cada vez mais o tecnicismo, a velocidade, a facilidade, do que contatos interpessoais (ROMANO, 2011). Por conta disso, essa vive um paradoxo, no sentido que, para se possuir tempo é necessário de mais tempo e assim sucessivamente- um ciclo incessante.

Na sociedade da alta velocidade o tempo mesmo se converte em objeto de aceleração. A consequência é que cada vez carece-se mais do tempo necessário para dar sentido ao princípio e ao fim das coisas, tanto no âmbito individual como social [...] Na sociedade moderna os indivíduos dispõem do tempo. Já não formam parte de um processo social com princípio e fim, mas sim são eles mesmos quem tem de estabelecê-los. Na sociedade industrial tudo tem de estar permanente, ou seja, a qualquer hora e em qualquer lugar (ROMANO, 2011, p. 6).

Dos ventres da velocidade ocorrem cada vez mais “solidões interativas” (WOLTON, 2010). Situações nas quais as pessoas possuem informações banais, redundantes, que estão em todas as partes, sendo criadas, acessadas e distribuídas em fluxo incessante (SCOLARI, 2008), todavia possuem gradativamente menos tempo e espaço para se comunicar (ROMANO, 2004)

Por outro lado, nas conversas cotidianas é muito comum ouvirmos que a comunicação digital pode gerar o fim dos processos vinculativos. Contudo, as inúmeras interfaces da comunicação digital não conseguem não conseguem aplacar as necessidades básicas do homem (WOLTON, 2004). Ou seja, ela deve ser utilizada como intermediadora da comunicação, não como fim. Ainda de acordo com o mesmo autor: “[...] A internet não

substitui a necessidade de encontros presenciais. Ao contrário, amplia essa necessidade. Quanto mais se pode estabelecer facilmente contatos, mais há vontade de ser fisicamente. Somos seres sociais, não seres de informação” (WOLTON, 2010, p.34).

De acordo com Cyrulnik (2007), existem dois grandes problemas situados nos dois extremos dos processos vinculativos: tanto os vínculos afetivos demasiadamente fortes, quanto os vínculos afetivos demasiadamente fracos, são prejudiciais para uma vida social harmoniosa:

Um meio pobre demais provoca um estereótipo certamente tanto quanto um meio rico demais, porque, em ambos os casos, o mundo sensorial não adquire forma. Num mundo pobre, o animal se interessa pelo que ainda o estimula: um raio de luz, um grão de poeira que voa, sua própria pata dianteira que ele lambe até a ulceração. Num mundo rico demais, porém, as informações tampouco podem se estruturar. Os estímulos superabundantes vêm de todo lado, sem parar e, submergindo o animal num bombardeio de informações, não dão forma ao mundo percebido. As respostas de um organismo saturado de estímulos se desorganizam (CYRULNIK, 2007, p.123).

Quando os laços são intensos, quando, há um enorme pertencimento a uma comunidade, a uma família, o indivíduo se sente preso, restrito, podendo exprimir essa frustração de forma violenta, agressiva, como uma válvula de escape.

Contudo, comunidades pouco vinculadas, causam problemas sociais e culturais. Este é o caso do meio digital, no qual a tendência é uma afetividade mais superficial (WOLTON, 2004). Acaba havendo, então, uma falta de alteridade, de um olhar para o próximo, ocasionando cidadãos doentes, alheios ao que aflige as pessoas ao seu redor.

Podemos indagar por que um ritual pode adoecer, tornar-se autocentrado e se transformar em estereótipo desprovido de alteridade. Se a alteridade, a sincronização com um outro já não é possível, é, antes de tudo, porque o outro não existe, como nos zoológicos ou nas privações. O esboço comportamental, a orientação para o outro ainda existe, mas, por falta de parceiro, a harmonização perde seu objeto e o ritual se esvazia (CYRULNIK, 2007, p. 125 e 126).

Por isso, os rituais são tão importantes para uma comunidade, eles evitam o caos, a violência, o falecimento dela. Eles fixam valores e preceitos morais, fazendo nascer uma sensação de pertencimento, de comunidade. O “face a face”, os ambientes comunicativos físicos, como praças, escolas, igrejas (ROMANO, 2004) são imprescindíveis, portanto. Nas palavras de Paiva “[...] só a proximidade satisfaz plenamente o desejo afetivo” (1998, p.102); o tempo lento é necessário para que os corpos, sempre carregados dos símbolos próprios de cada cultura, se encontrem. Assim, surge a premissa de que sem comunicação (WOLTON,2010) não existem vínculos e, sem vínculos, não existe vida em sociedade. De

acordo com Boris Cyrulnik: “A conversa constitui certamente o mais humano de todos os nossos atos, lhe cria campo sensorial estruturado como um ritual. É na conversa que nossos psiquismos se encontram e tecem a afetividade que vai nos ligar” (CYRULNIK, 2007, p.143).

### **Os aplicativos dos smartphones e seus funcionários**

A fim de compreendermos os estudos a respeito dos vínculos abordados até aqui, utilizaremos dois exemplos distintos de programas de celular marcados pela nulodimensão própria dos códigos digitais: o *Whatsapp Messenger* e o *Snapchat*.

O *Whatsapp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas. Foi fundado em agosto de 2009 por Brian Acton e Jan Koum, na Califórnia, Estados Unidos. O serviço inovador possibilita enviar e receber mensagens através do dispositivo sem utilizar o SMS (serviço de mensagens curtas). A utilização passa a ser prioritariamente em rede de dados (3G e 4G) ou o Wi-Fi, o que remete diretamente ao uso de smartphones. O aplicativo está disponível para os sistemas operacionais Android, BlackBerry, iOS, Windows Phone, Nokia e desktops.

Além das mensagens de texto, os usuários podem enviar e compartilhar imagens, vídeos e mensagens de áudio. O aplicativo disponibiliza a opção criar grupos de amigos para realizar qualquer tipo de discussão a respeito dos mais variados assuntos. Uma atualização de janeiro de 2015 permitiu aos usuários efetuarem ligações, fato que explica uma tendência entre os aplicativos de universalizar o conteúdo comunicacional (JENKINS, 2009). Com uma única ferramenta será possível, de acordo com o desenvolvimento tecnológico, se comunicar em diversas formas, sendo elas: texto, áudio, imagem e chamadas.

Outra opção que passou a vigorar dentro do *whatsapp*, por conta de uma atualização de software, foi de receber a notificação de quando o usuário leu a última mensagem enviada, transformando o usuário em um vigilante (FLUSSER, 2008) dos outros. Por conta disso, caso o usuário visualize a mensagem, mas por falta de tempo, não responda no momento, um pedaço de sua credibilidade é minado. Nos cinco continentes atualmente mais de 800 milhões de pessoas (CNET, 2015) utilizam esse aplicativo, observam e, quando querem, cobram manifestações uns dos outros.

Deste modo, o homem tem a “obrigatoriedade” de estar sempre atento, alerta aos sinais sonoros do celular, para adentrar na dimensão nula. Isto remete ao rompimento de

algumas fronteiras do espaço físico-temporais abordadas anteriormente. A ação de se comunicar por meio de um aparelho, desta forma, não seria mais uma ação fixada ao corpo. Ao receber a mensagem, o sujeito fica em um estado de envolvimento com o meio, no caso o aplicativo, e se desprende da noção temporal que é submetida ao corpo, transformando o homem em seu dependente comunicacional. Nesse contexto Baitello, considerando que Flusser entende que o homem vivenciou três catástrofes em sua história (hominização, civilização e uma terceira ainda sem nome), trabalha com a possibilidade de estarmos vivendo a terceira catástrofe:

Na terceira, sua casa fica inabitável, porque por todos os seus buracos entra o vento da informação (com suas imagens técnicas, transmitidas pelas tomadas de eletricidade). Este o conduz a um nomadismo de novo tipo, no qual não é mais o corpo que viaja, navega ou caminha, mas o seu espírito (em latim “spiritus”, em grego “pneuma”, em hebraico “ruach”), seu vento nômade (BAITELLO, 2005, p.3).

O *Snapchat*, por sua vez, é um aplicativo de conversação por meio de imagens, vídeos que duram de 1 a 10 segundos, que após aberto é excluído dos dispositivos e servidores, assim como também possibilita o envio de mensagens que são deletadas logo após a visualização do receptor.

Foi criado em 2011 por Evan Spiegel, Bobby Murphy e Reggie Brown, estudantes da Universidade de Stanford, Estados Unidos. Essa ferramenta convida o usuário a produzir uma forma de comunicação diferente das demais apresentadas no mercado, pois nela as imagens e textos desaparecem do servidor. A interação se torna, a priori, mais pessoal e privativa, contudo, mais imediatista e superficial.

Este aplicativo remonta fortemente à questão do tempo. Pois por meio deste, a imagem desaparece rapidamente, banalizando-se, em suma, pela quantidade. Com uma sucessão contínua de imagens descartáveis, as mesmas acabam perdendo seu caráter simbólico, de transcendência. Fenômeno apontado por Flusser (1985) décadas atrás na popularização da câmara fotográfica, agora é potencializado pelas centenas de milhões de usuários do *Snapchat* - a imagem técnica transformou o usuário dos aparelhos previsíveis, funcionários do aplicativo, tornando as fotos uma contemplação por fascínio, vazia.

Se não conseguirmos aquele deciframento [des-ocultar os programas por detrás das imagens], as imagens técnicas se tornarão opacas e darão origem a nova idolatria, a idolatria mais densa que a das imagens tradicionais antes da invenção a escrita (FLUSSER, 2008, p. 36).

Podendo esta, dentro do contexto da internet e dos smartphones, ser um aplicativo que pode reter o potencial de tornar os vínculos mais enfraquecidos do que outros da

mesma categoria, como por exemplo, o citado *whatsapp*. Portanto, no virtual, nos meios hipermidiáticos (SCOLARI, 2008), há uma heterogeneidade, diferentes níveis de vinculação. Tal apontamento do aplicativo em questão pode ser retratado na análise referente ao poder da imagem na comunicação midiaticizada. Este aplicativo passa a ser uma demonstração de que a imagem “criada”, em perspectiva do olhar do outro, gera outros significantes e significados, tanto em relação aos vínculos sociais, quanto culturais. Este conceito de criação de imagens pode ser abordado nas palavras de Norval Baitello Junior:

Sempre será necessário que as imagens geradas na mente emergjam à superfície, não importa se traduzidas em som, palavras, cores, volumes, objetos, desenhos, o que importa é que elas venham à tona para se transferir para outros, para vincular, para criar pontos com outros seres. Uma vez transmitidas, recebidas por outros, importa que elas alcancem a caixa de ressonância interior e profunda, gerando novas imagens, retornando às entranhas, reverberando novamente em múltiplas dimensões (BAITELLO, 2005, p.2).

É possível, a partir desta análise, discutir o fenômeno da construção de vínculos através de rápidas pílulas imagéticas, em que o corpo e o cotidiano são banalizados, perdendo sua configuração atrativa e se tornando o nada, vazio. Inclusive, podendo representar uma anulação do espaço.

### **Considerações finais**

Após abordarmos o tempo veloz dos equipamentos e os tempos lentos dos usuários é preciso questionar qual rumo a sociedade pautada pelo uso constante de aplicativos irá tomar. O comportamento fascinado, fixado no digital, pode fazer o homem estar cada vez mais distante da sociedade da qual faz parte, longe das pessoas, dos encontros. O indivíduo, com tantas opções de monitoramento inconsciente do outro, se torna um vigilante da comunicação móvel de outros indivíduos. Para Flusser (1985) é importante que o homem tenha consciência da força que o aparelho tem diante do meio, para que assim, talvez, ele possa compreender o verdadeiro sentido e caminho para a liberdade e não apenas ser um funcionário da máquina. A crença cega na tecnologia (WOLTON, 2010), talvez seja um dos grandes entraves para enxergar o digital como meio e não fim.

A comunicação contemporânea está passando por um processo de dependência do tipo de relação do homem com a ferramenta utilizada, tanto no caso do celular, como, principalmente da internet. Esta, que está norteando grande parte das relações afetivas do ser humano, se constitui a partir de uma necessidade de encontros presenciais e da construção de laços afetivos. Voltando a Wolton, lembramos que “a questão da experiência

permanece: é fundamental sair das redes tecnológicas para experimentar novamente a “realidade real” [aspas do autor], humana, social e afetiva [...]” (WOLTON, 2010, p. 41). Vemos nas redes a vontade imensa dos usuários se comunicarem, mas consideramos, em diálogo com os autores estudados, que apenas presencialmente essa necessidade pode ser satisfeita integralmente.

## Referências

- BAITELLO JR., Norval. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, DAVID (Org.). **Os valores e atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008
- . **O pensamento sentado**. Sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- . **O tempo lento e o espaço nulo**: Mídia primária, secundária e terciária. 2001. Disponível em: < <http://www.cisc.org.br> >. Acesso em: 10 jun. 2015.
- . Incomunicação e imagem. In. BAITELLO JR, Norval; CONTRERA, Malena Segura; MENEZES, José Eugenio de O. (Orgs.). **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume; CISC, 2005, p. 71-80.
- . **Vilém Flusser e a Terceira Catástrofe do Homem ou as Dores do Espaço, a Fotografia e o Vento**. Disponível em: < <http://www.flusserstudies.net/node/106> >. Acesso em: 10 jun. 2015.
- CNET. **WhatsApp touts 800M monthly active users. 2015**. Disponível em: < <http://www.cnet.com/news/whatsapp-touts-800m-monthly-active-users/> >. Acesso em: 20 jun. 2015.
- CYRULNIK, Boris. **Os alimentos afetivos**: o amor que nos cura. Trad. Cláudia Berliner. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.
- . **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- GOMBRICH, E. H. **A história da Arte**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/> >. Acesso em: 15 jun. 2015.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Perca tempo**: É no lento que a vida acontece. São Paulo: Paulus, 2005.
- MENEZES, J.E.O. ; CARDOSO, M. (Orgs.). **Comunicação e Cultura do Ouvir**. São Paulo: Plêiade, 2012. Disponível em: < <http://casperlibero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/> > . Acesso em: 10 fev. 2015.



MENEZES, José Eugenio de Oliveira. Comunicação, Espaço e Tempo: Vilém Flusser e os processos de vinculação. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo. v. 6, n. 15, p.11-196, 2009. Disponível em: < <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/151>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

———. **Ecologia da comunicação: Som, Corpo e Cultura do Ouvir**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2015. Disponível em: < [http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-78f0a99a-e9c2-4903-a479-b86ab64e2e91\\_2767.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-78f0a99a-e9c2-4903-a479-b86ab64e2e91_2767.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

———. Ecologia da comunicação: a cultura como um macrosistema comunicativo. In: CHIACHIRI F., A.R.; CAZELOTO, E.; MENEZES, J.E.O. (Orgs.). **Comunicação, tecnologia e cidadania**. São Paulo: Plêiade, 2013. Disponível em: < <http://casperlibero.edu.br/mestrado/livrosmestrado/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

NAVARRETE, Helena Maria Cecília. **Plano Ceibal: Praça e escola como ambientes comunicacionais**. 8º Interprogramas de Mestrado em Comunicação, 2012. Disponível em: < <http://www.casperlibero.edu.br>>. Acesso em: 10 Ago. 2013.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998

PROSS, Harry. **Medienforschung: film, funk, presse, fernsehen**. Darmstadt : Habel, 1972.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la Comunicación**. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

———. **Ordem cultural e ordem natural do tempo**. Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. São Paulo, 2002. Disponível em: < <http://www.cisc.org.br/portal/index.php/biblioteca/viewdownload/18-romano-vicente/55-ordem-cultural-e-ordem-natural-do-tempo.html>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2008.

SENECA, Lucius Annaeus. **Sobre a brevidade da vida**. Tradução Lucia Sa Rebello. São Paulo: LPM, 2006.

TIC GOVERNO ELETRÔNICO 2013. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e Comunicação no Setor Público Brasileiro, São Paulo**: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014. Disponível em: < [www.cetic.br](http://www.cetic.br)>. Acesso em: 15 jun. 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC. **Como o paulistano usa a internet?** Relatório com padrões de usos e empregos dos recursos de conectividade existentes antes da abertura do sinal. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2014. Disponível em: < [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/r1\\_relatorio\\_de\\_pesquisa\\_wifi\\_-\\_rev\\_1417550802.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/r1_relatorio_de_pesquisa_wifi_-_rev_1417550802.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Tradução Zélia Leal. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

———. **Informar não é comunicar**. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. **O amor impiedoso (ou: Sobre a crença)**. São Paulo: Autêntica, 2012.